

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

HROZNY (Bedrich) — *Histoire de l'Asie Antérieure, de l'Inde et de la Crète* (jusqu'au début du second millénaire), Payot, Paris, 1947. 350 páginas, com 3 mapas e 77 ilustrações. 73 gravuras fora do texto (tradução francesa de Madeleine David).

O livro acima, escrito por um dos mais eminentes orientalistas da atualidade, já famoso por ter realizado a primeira decifração definitiva da língua hitita — realizada durante a guerra européia de 1914 a 1918, — compreende um estudo sucinto, mas profundo e competente, das grandes civilizações pre-helênicas da antiguidade, com exceção da egípcia, à qual se encontram apenas ligeiras referências. Desta maneira, no percorrer as páginas do livro, vemos passar ante os nossos olhos — após um ligeiro exame da Idade da Pedra — as velhas civilizações de Acad e de Sumer, as civilizações mais recentes dos hititas e dos subareanos. Em seguida, e com atenção especial, se estudam duas grandes culturas, que tanto têm de interessante como de misterioso: a cultura de Mohenjo-Daro e Harappa, no Indo, florescente durante o 3.º milênio a.C. — cultura desenterrada há duas dezenas de anos apenas do mais completo esquecimento pelo alvião do arqueólogo; e, por fim, a fascinante cultura de Creta.

Assistimos, através das páginas do livro de Hrozny, ao alvorecer das mais antigas civilizações em um encadeamento que o autor, com a sua extraordinária erudição e com espírito arguto — às vezes, talvez, com excessiva confiança — tenta reconstruir, valendo-se dos dados cada vez mais ricos que vão surgindo ininterruptamente das excavações arqueológicas modernas. É inevitável que com a deficiência de dados, que ainda perdura e, provavelmente, perdurará sempre, se tente suprir as lacunas desta época remota da história com um pouco do espírito de adivinhação. A Hrozny não falta a imaginação viva e inteligente, nem a coragem, para aventurar-se neste terreno. Naturalmente o leitor sentirá, às vezes, hesitação em segui-lo em algumas de suas conclusões mais arrojadas.

O trabalho do ilustre historiador checo se nos afigura sobretudo uma síntese da obra e das conquistas culturais das primeiras civilizações do mundo antigo. No estudo dos diversos povos, pelo menos daqueles que têm uma história conhecida em suas linhas gerais, traça o autor uma ligeira síntese desta, para depois salientar alguns aspectos de sua vida cultural. Naturalmente no estudo de povos, como o da velha cultura de Mohenjo-Daro (Índia) e de Creta, a reconstrução histórica é impossível. Aqui, mesmo o estudo da civilização, revelada pelos achados arqueológicos, é um tanto sacrificado, na obra que estamos considerando, ao interesse central do autor — a sua tentativa de decifração das duas línguas misteriosas do Indo e de Creta.

(1) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

Entre os aspectos mais característicos do livro, salientaremos apenas os seguintes:

O autor dá grande ênfase à unidade cultural do Oriente, notando cuidadosamente os pontos de semelhança, reveladores de contacto cultural, entre as diversas civilizações, desde Creta até a China. É de lamentar que ele não tenha estudado mais pormenorizadamente as relações da China antiga com o Oriente Próximo, a não ser em ligeiras referências, e.g., à página 146, a respeito da doutrina do macrocosmo e do microcosmo, da astrologia, da importância do número 60, admitindo mesmo o autor, como possível, que a escritura pictográfica chinesa se tenha constituído durante a primeira metade do 2.º milénio a.C. sob a influência indireta da longínqua escritura babilónica. Aliás, à medida que as revelações arqueológicas progredem, revelando de um modo mais completo as grandes civilizações do mundo antigo, esta unidade cultural vai-se centralizando mais e mais na velha civilização sumero-babilónica, a qual irradiou a sua influência para o Oriente remoto, como para o Ocidente. O autor admite — outros já o fizeram antes dele — que mesmo a civilização egípcia tenha recebido uma boa contribuição da Mesopotâmia, assim na agricultura, na arquitetura, na escultura, na cerâmica, na glíptica, na religião e, talvez, mesmo na escrita (pág. 74).

De especial interesse é o capítulo que Hrozny dedica à velha civilização do Indo, desentranhada da terra pelas excavações arqueológicas de John Marshall e E. J. H. Mackay, de 1922 a 1931. Também aqui são apontadas as relações desta surpreendente cultura do 3.º milénio com o velho centro cultural que é a Ásia Menor, agora principalmente a Síria e a península da Anatólia, antes que a Babilónia. Desta região ocidental, entende o autor, vieram os elementos criadores da cultura proto-indica. Por outra parte, é ainda na Ásia Menor e no norte da Síria, profundamente penetrada pela civilização mesopotâmica que se deve buscar as origens dos cretenses, precusores, por sua vez, em muitos aspectos, da brilhante civilização grega. Vestígios diversos e claros desta influência oriental na Grécia clássica são apontados. Os hititas — indo-europeus que assimilaram a notável cultura babilónica — foram os principais intermediários nesta transmissão, e sua influência na Grécia se documenta facilmente, por exemplo nas colunas de madeira erguidas sobre bases de pedra em Micenas e Tirinto. Mesmo o venerando poema babilónico de Gilgamés, bem conhecido entre os hititas, serviu, de modelo à Odisséia, como sugere o ilustre historiador (pág. 134). Dêste modo, vão se tornando, pouco a pouco, mais nítidas as linhas gerais que nos permitem a reconstrução histórica da civilização antiga em suas origens remotas na Ásia.

Mais ousada pode parecer a hipótese de que da Ásia Central teriam partido as grandes migrações de povos para o Ocidente, o Sul e o Oriente, vindo daí, em épocas mais ou menos remotas, não só os semitas, hamitas e indo-europeus, mas, talvez, mesmo os negros da África (pág. 75), os mongóis, os polinésios, melanésios, os australianos e até os índios da América (pág. 90). Ressurge assim, apoiada por um grande nome da ciência moderna, a velha crença na origem centroasiática da humanidade.

Ainda um aspecto notável desta obra é o lugar saliente que nela se dá aos povos indo-europeus na civilização da Ásia Anterior, e mesmo de Creta e da Índia. Já de muitos anos para cá o conhecimento mais pormenorizado do Oriente Próximo antigo vai revelando de modo mais claro a presença de elementos indo-europeus na vida cultural desta região no 2.º milénio a.C., a começar da decifração do hitita feita pelo próprio Hrozny há 35 anos atrás. Cedo surgem eles, descendo pelo Cáucaso, como outros bárbaros do Norte. E' como posto avançado contra estas ameaças constantes que se constituiu a Assíria (pág. 317). Pelo Cáucaso vieram os hititas, antes que dos Balcãs, através do Bósforo (pág. 177) como se crê hoje mui comumente — sem razão, pensamos também nós. A decifração já realizada de algumas outras línguas da Ásia Menor revela-nos a presença de mais alguns povos indo-

européus na região, como os "hititas" hieroglíficos, os luitas, os palaitas. Mas o nosso autor vai mais longe. Para ele são também indo-europeus os pelasgo-cretenses, os autores da civilização de Creta, que considera como "hititas" hieroglíficos — ou um povo estreitamente aparentado a eles —, com forte mistura de elementos subareanos (pág. 312). A língua destes cretenses, que Hrozný crê ter decifrado, seria muito semelhante ao hitita, indiscutivelmente indo-europeu.

Por outra parte, os criadores da remota civilização do Indo, procedentes da Ásia Menor, que deixaram numerosos monumentos escritos — monumentos que também o autor crê ter decifrado — eram, segundo ele entende, indo-europeus. Isto se revelaria pela gramática e pelo vocabulário. O valor destas asserções depende naturalmente da confirmação que o futuro vier a dar à sua tentativa de decifração das inscrições do vale do Indo e de Creta. Esta confirmação é por ora extremamente difícil de se fazer pela falta absoluta de inscrições bilingües. Não se deve esquecer a assombrosa preparação técnica de Hrozný para a empresa a que se aventurou nesta dupla tentativa de decifração, mórmente conhecendo-se o êxito de seu trabalho em referência ao hitita e ao "hitita" hieroglífico. Infelizmente a tarefa a que se abalçou desta vez é bem mais árdua, o que nos obriga a esperar evidências mais claras para julgarmos da decifração das duas línguas referidas.

O interesse da obra aqui discutida nos problemas de lingüística é notável. Não se deve esquecer que o seu autor não só é um dos maiores orientistas da atualidade, mas também um lingüista de grande competência, como provam as decifrações já antes referidas. As observações lingüísticas são numerosas e interessantes, embora algumas das relações que o autor estabelece nos pareçam arrojadas e incertas. Vejam-se, por exemplo, as suas referências à origem de palavras como *Apollon* (pág. 179), *Eva* e *Javé* (pág. 212), *Sibila* (pág. 216) e várias outras, que servem de ilustrar o gosto das etimologias, algumas duvidosas.

Concluindo, temos nesta obra uma preciosa contribuição para o conhecimento mais completo da velha Ásia misteriosa, o berço remoto da nossa civilização.

TH. HENRIQUE MAURER JR.

DEFOURNEAUX (Marcelin). — *Les Français en Espagne aux XIe et XIIe siècles*. Paris, Presses Universitaires de France, 1949, 333 pp.

Dar uma vista geral sobre os diversos aspectos da influência francesa nos XI e XII séculos da história ibérica, indagar das suas causas e conseqüências e verificar sua verdadeira importância são os difíceis objetivos do livro acima citado.

Em rápida introdução o autor analisa a situação da Espanha, muçulmana e cristã, no início do século XI. Os dois subseqüentes capítulos referem-se à religião: aí são estudadas a penetração da ordem de Cluny na Espanha, a obra aí realizada, sua decadência, origens e expansão da ordem de Cister (*Le clergé français en Espagne aux XIe et XIIe siècles. Cluny et Cîteaux*), e as origens, exaltação, organização e arte da peregrinação de São Tiago de Compostela (*La France et le pèlerinage de Saint-Jacques*). A parte militar é desenvolvida com os cruzados franceses na Espanha (dificuldades para o seu estudo, a era das "grandes cruzadas", seu declínio e a última cruzada de Espanha). O capítulo quarto é dedicado ao estudo dos aspectos políticos, sociais e econômicos da intervenção francesa e o quinto, finalmente, ao exame dos seus aspectos literários relacionados com a epopéia medieval.

A intervenção francesa na Espanha medieval constitui um dos mais controvertidos problemas da história desse país. Todavia, as controvérsias fre-